



Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.  
1800-014 Lisboa Portugal  
geral@ranchotradicionalcinfaes.com

## *A chapeleira*

**Lucinda de Resende** já viveu mais de oitenta Primaveras. De rosto tisonado, olhar cansado e voz arrastada lá nos relatou o que sabia sobre a arte que em tempos representou o seu sustento: a trançaria e a chapelaria. Visitámo-la em Cimo de Vila, Freguesia de Tendais, onde numa tarde calma a encontrámos debruçada sobre a palha a fazer trança. Sempre com um sorriso nos lábios e como que a recordar o passado contou-nos, com lucidez invejável, os trâmites da sua arte que já vai rareando.

A matéria-prima necessária é **a palha**. Esta encontrava-se nas faldas do Perneval, nos alqueves (leiras roubadas à encosta e à penedia montemurana) que os de Alhões cultivavam. Aí amanhavam a terra, semeavam o centeio e tratavam dele, ao mesmo tempo guardavam o gado que se espalhava, às centenas de cabeças, pela serra.

Quando se procedia à malha, na **eira de Pardelhas**, mole rochosa que forma uma eira natural, situada na vertente montemurana defronte da aldeia de Alhões, próximo à EN 321, aí se juntavam as chapeleiras para adquirir os molhos de palha de centeio. Cada carro trazia em média cem molhos de nagalheira. Acarretavam-nos para a eira de Pardelhas e aí eram malhados ao mangual por homens rogados pelo dono dos alqueves. **Na malha** procedia-se do seguinte modo: fazia-se um carreiro, isto é, juntavam-se numa correnteza vários molhos com a espiga para dentro e os toros para fora, malhando-se depois com os manguais as espigas, tendo o cuidado de não esmagar os caules da palha. Viravam-se os molhos da palha para que ficassem malhados por todo. Depois de executada a malha, tirava-se a nagalheira aos molhos e escolhia-se alguma espiga que ainda tivesse centeio, para serem de novo malhadas. Escolmava-se a palha para lhe tirar algumas ervas e faziam-se as *cobelas*, pequenos molhos de palha, amarrados com um *bancilho*. Juntando três ou quatro *cobelas* fazia-se um colmeiro.

Depois de feito o negócio, traziam-se **os colmeiros à cabeça**, até casa, passando pela Malhada. Curiosa era a forma como eles eram transportados: a trançeira acartava o primeiro molho até um pouso, distante da eira. Pousava-o numa parede à altura da cabeça da mulher e ia buscar outro à eira. Acartava-o, mas desta vez pondo-o num pouso mais distante que o primeiro, indo buscar o último e transportando-o até mais próximo de casa.

Mas havia outra forma de adquirir a palha, comprando-a ao lavrador que a **cultivava em leiras** e cortava antes de a espiga ter germinado o grão. Ainda hoje alguns lavradores, em meados de Maio cortam a *ferrã*, atam-na nas pontas, formando as *maçadoiras*, abrem-nas em leque e estendem-nas num local abrigado e soalheiro, para secarem e perderem parte da cor verde. Depois de secas, levam-se as maçadoiras para o palheiro onde se guardam até serem precisas.

Nessa altura é preciso **escolher a palha**: com uma faca pequena corta-se a palha no fundo do nó e sai o *capucho*.



Caponas de palha



Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.  
1800-014 Lisboa Portugal  
geral@ranchotradicionalcinfães.com

Depois de escolhida é preciso **refugá-la**: separando a palha mais grossa para os abanadores ou cestas, a palha miúda para os chapéus das mulheres e a mais fina de todas empregue para a feitura dos chapéus dos homens.

Antes de começar a entrançar, a palha era **molhada**, num balde com água.

Depois de feita, a trança é posta a **corar**. Para tal deixa-se a trança, durante uma noite debaixo de água, com uma pedra por cima.

Ao outro dia estende-se no lajedo de uma eira, o sol *come-lhe* a verdura, ficando a palha alva.

Geralmente a traça é feita com **sete palheiras**, mas há também a faça com **cinco** ou até **três**. Antes de se iniciar o chapéu ou a cesta é preciso **aparar os canudos** que se deixaram ao fazer a trança. Os chapéus cosem-se com algodão de urdir a teia ou linha doze.

A obra feita vendia-se nas **feiras** de Nespereira, Cinfães, Alvarenga e Parada de Ester, estas duas últimas no concelho de Castro Daire. À feira dos Ruivais foram uma vez mas como venderam pouco não voltaram lá.

As trançeras levavam o produto do seu trabalho à cabeça, ajoujadas, serra fora, debaixo das *carriolas* de **chapéus**, abanos ou cestas que levavam presas num panal branco, atado sobre a obra, pelas quatro pontas. Iam duas ou três fazer as feiras. Faziam todo o percurso a pé, demorando horas e horas a atravessar o dorso montemurano. O que mais temiam, nas idas para as feiras de Nespereira e Castro Daire era o vento da serra. Carregadas como iam com *carriolas* de mercadoria, o vento impedia o normal andamento, originando muitas vezes desastrosas quedas.



não se atreviam a passar a serra e as feiras ficavam por fazer. Do mesmo modo, o nevoeiro no alto dos montes era desmotivador de qualquer travessia.

Na noite anterior ao dia da feira, havia que **enxofrar a obra feita**, de modo a ficar mais branca e asseada. Havia quem enxofrasse numa caixa de madeira mas outros, mais carenciados, faziam-no no forno. Sobre os artigos que iam para a feira era aspergida água. Arredavam-se

Trança por aparar



Quando  
viam neve  
para os lados  
de S. Pedro,



Enxofrar as tranças e os chapéus



Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.  
1800-014 Lisboa Portugal  
geral@ranchotradicionalcinfães.com

depois para um canto da caixa, colocando-se no fundo da mesma um pedaço de ferro côncavo, contendo brasas incandescentes. Uma tábua dividia as brasas dos chapéus, cestas ou abanos. Com um caco de barro deitava-se o enxofre, espalhando-o sobre as brasas que faziam fumo e clareavam a obra. Fechava-se a tampa da caixa e de modo a vedá-la melhor punha-se uma manta por cima para evitar a saída do fumo. A caixa permanecia fechada todo o dia, a palha tomava o fumo e não escurecia.

A palha também se **pintava** com tinta: verde, vermelha e cor-de-rosa que vinha de Lamego para a loja do Sr. Dininho, na vila de Cinfães. As tranceiras de S. Martinho de Mouros, em Resende, também a traziam, quando vinham às feiras dos 10 ou 26, a Cinfães.

Numa panela de barro deitava-se água e esperava-se que fervesse. Metia-se lá a tinta (que vinha em grão), mexia-se até derreter e metia-se a palha dentro para colorir, o que acontecia rapidamente. Tirava-se e punha-se ao sol a secar.

Lucinda de Resende contou-nos também **algumas peripécias** do tempo em que vendia nas feiras:

“Uma vez quando se dirigiam para a feira de Nespereira, uma forte *tormenta* se abateu sobre elas, no monte de S. Pedro. Logo ponderaram se haviam de continuar ou voltar para a aldeia. Duas decidiram continuar, pese embora a tempestade ameaçadora. As outras duas decidiram esperar até que o tempo melhorasse. À vista das minas da Fraga da Venda, as que ousaram afrontar a inclemência do tempo, verificaram que a partir daí o céu se apresentava quase limpo e o sol estava radioso. Como as outras não voltassem para trás, decidiram também as que haviam ficado, atravessar a serra, em direção a Nespereira. Quando aí chegaram já as primeiras haviam vendido grande parte da sua obra. Iradas, as retardatárias atiraram o seu produto para o chão e vociferaram imprecações contra a sorte das primeiras. Isto mostra bem as agruras daquela vida e o desespero de quem tinha que ganhar o sustento diário.”

“Noutra altura, em que regressavam da feira de Parada de Ester, uma das tranceiras, derreada pelo peso que transportava de obra não vendida, ao subir a costa de Parada, debaixo de um sol escaldante e pisando pedras de xisto cortantes, tombou para o lado, arfando desesperadamente, acabando por morrer, perante a impotência das outras que em vão a tentavam ajudar.”

A partir de certa altura as posses de **Lucinda de Resende** começaram a ser menos e passou a fazer apenas alguns produtos para venda no posto de turismo e artesanato, da vila de Cinfães, para os ranchos que a procuravam ou alguns vizinhos que lhe pediam uma encomenda e a iam buscar a sua casa.

Com o pesar dos anos a vista foi ficando cansada, não lhe permitindo enfiar a agulha e dar os pontos no sítio certo. Deixou por completo a sua arte, tendo mesmo que abandonar a sua casa e vive hoje, entregue aos netos que dela vão cuidando.

**Lucinda de Resende** já viveu mais de oitenta Primaveras. De rosto tisonado, olhar cansado e voz arrastada lá nos relatou o que sabia sobre a arte que em tempos representou o seu sustento: a trançaria e a chapelaria. Visitámo-la em Cimo de Vila, freguesia de Tendais, onde numa tarde calma a



Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.  
1800-014 Lisboa Portugal  
geral@ranchotradicionalcinfães.com

encontrámos debruçada sobre a palha a fazer trança. Sempre com um sorriso nos lábios e como que a recordar o passado contou-nos, com lucidez invejável, os trâmites da sua arte que já vai rareando.

Cimo de Vila, Setembro de 1998

Depoimento de Lucinda de Resende em “Bestança – Um vale, um rio” de Jorge Ventura



**Messias Correia** é hoje o único chapeleiro da Freguesia de Tendais e das redondezas.

A sua forma de trabalhar já não é tão artesanal como aquela que nos relatou Lucinda de Resende. Certamente que nos seus tempos de juventude quando começou a dedicar-se à arte de fazer: chapéus, cestas e abanadores, o processo usado era o mesmo. Agora é tudo cosido à máquina e os chapéus até já levam uma fitinha de cor para ficarem mais bonitos.

Vende os seus variados produtos nas feiras ou em casa, onde é muito procurado.

Estamos certos de que quando ele abandonar esta arte de que tanto gosta, deixaremos de ter chapéus de palha, dado que não há quem lhe queira suceder no seguimento desta arte.